



Hospitais
**Cirurgias duplicaram
nos últimos
dois meses**

P 7

Abaixo-assinado
**Dois mil exigem
travessia por ponte
para Cabanas**

P 12

Castro Marim
**Caminhadas ajudam
a apagar solidão
dos idosos**

P 12

Turismo
**Britânicos
chegam aos milhares
e antecipam o verão**

P 24

NESTE NÚMERO

**Vale
5€**

veja como ganhar no interior



LÍDIA JORGE EM ENTREVISTA EXCLUSIVA

"Sou da esquerda da liberdade e do diálogo"

Ao JORNAL do ALGARVE, a escritora Lídia Jorge, nascida em Boliqueime há 74 anos, discorre sobre a sua infância algarvia e os tempos de pobreza que lhe moldariam a sensibilidade, a compaixão e as opções políticas. Fala também da sua ida para Lisboa e posteriormente para Angola e Moçambique. E do racismo que garante existir em Portugal. E da reconciliação dos povos. E dos prémios, o último dos quais recebeu, em Loulé, no passado sábado, 15 de maio

P 4 e 5

PAOLO FUNASSI EM LISTA PARA AM DE ALBUFEIRA

Há um candidato italiano nas "nossas" eleições



P 3

PUB

Apoie o JORNAL do ALGARVE COM UMA ASSINATURA EXTRA

O SEU CONTRIBUTO FAZ A DIFERENÇA

PAGUE A SUA ASSINATURA

Dados para transferências (mencionando o nº ou nome de assinante):

CAIXA GERAL DEPÓSITOS PT 50 0035 0909 0001 6155 3303 4

CRÉDITO AGRÍCOLA PT 50 0045 7043 4000 6213 1353 7

Para mais fácil identificação da transferência, solicitamos envio comprovativo de pagamento para: ja.assinantes@gmail.com

LÍDIA JORGE EM ENTREVISTA EXCLUSIVA

"Sou de uma esquerda que quer a liberdade e o diálogo"

Ao JORNAL do ALGARVE, a escritora Lídia Jorge, nascida em Boliqueime há 74 anos, discorre sobre a sua infância algarvia e os tempos de pobreza que lhe moldariam a sensibilidade, a compaixão e as opções políticas. Fala também da sua ida para Lisboa e posteriormente para Angola e Moçambique. E do racismo que garante existir em Portugal. E da reconciliação dos povos. E dos prémios, o último dos quais recebeu, em Loulé, no passado sábado, 15 de maio

> João Prudêncio

JORNAL do ALGARVE (J.A.) O seu primeiro livro, *O Dia dos Prodígios*, é publicado quando tinha 33 anos. Um pouco à semelhança de José Saramago, não publicou cedo na sua vida. Qual a razão de não ter publicado na sua juventude mais precoce? Tinha escrito antes e não houve oportunidade de publicar, ou houve outras razões?

Lídia Jorge - Publiquei aos trinta e três anos, uma boa idade para iniciar a publicação. Costuma ser essa a idade que se toma como início da vida pública. A ideia provém da tradição da vida de Cristo, mas representa sobretudo o início da maturidade. Na vida de um escritor, significa que até então se tenta, se ensaia, se experimenta e se fazem muitas leituras, isto é, que a aprendizagem foi séria e a vontade de publicar foi sendo contrabalançada pelo sentido da responsabilidade. Eu achava que publicar muito cedo, quando ainda se está a experimentar os processos, significaria aprender em público. Eu quis aprender em privado. Mostrei a um editor "O Dia dos Prodígios" quando senti que já não tinha vergonha de mostrar a minha fantasia.

JA - Se lhe pedisse que me desse uma referência, concreta ou mais abstrata, de algo que está sempre, ou quase sempre, presente nas suas obras, qual é essa presença constante?

LJ - Está sempre presente a imagem de um imenso palco sobre o qual as personagens vão passando, falando alto, reclamando por um mundo mais perfeito do que aquele onde se encontram. Está sempre presente a ideia de uma batalha contra as leis da História. Uma espécie de cantata reclamando que o canto abra uma fresta para um outro lugar fora deste nosso tempo humano.

JA - Dentro da sua vasta obra, se eu lhe pedisse que elegeisse um livro que mais represente aquilo que é ou

pensa, enquanto ser humano, que represente aquilo que mais deveras sente ou quer comunicar com o mundo, qual seria essa obra? E porquê?

LJ - Creio que esse livro tem por título "O Vento assoviando nas Gruas". Trata-se da história de uma rapariga simples, tão simples que não encontra as palavras para se expressar, tão simples que muitos a tomam por idiota, tão desprotegida que faz dela uma carta de um baralho de jogar, e por isso mesmo, porque é incómoda, ela tem o dom de desencadear a verdade que existe no interior daqueles que com ela contactam. Ela é o detonador das vivências profundas dos outros, em seu torno cria-se uma cartografia de revelações humanas. Essa personagem chama-se Milene. Na verdade, mais do que eu posso explicar, eu amo-a.

||
A profundidade do espaço, os milhares de estrelas de intensidade de brilho diferente, a rotação dos astros, é alguma coisa que fundou para sempre a minha vida

JA - A sua infância, passada no Algarve interior, marcou-a de forma indelével, para sempre? O que mais a marcou nessa infância e que a tornou essa infância e adolescência?

LJ - O que mais me tocou foi a beleza da terra e foi a beleza do céu. Passar-se os primeiros verões da infância a ver os céus noturnos estrelados como antes se viam no Algarve, antes da luz elétrica, funcionava na vida de uma criança como uma experiência capital. A profundidade do espaço, os milhares de estrelas de intensidade de brilho diferente, a rotação dos astros, é alguma coisa que fundou

para sempre a minha vida. Desde muito cedo eu intuí que o Espaço, o grande Espaço, começava ali, na varanda da casa, e o trampolim para o atingir era o seu ponto mais alto, a chaminé que se elevava acima do telhado.

JA - Descreva um pouco, em uma ou duas imagens, a dureza desses tempos no Algarve e explique como essa dureza modelou o seu ser? Como foi que a pobreza algarvia dos anos 50, para mais no barrocal interior, moldou a sua alma de adulta e, também, a sua obra?

LJ - O trabalho rural era muito duro. A vida era muito árdua. Ainda me lembro de o horário de trabalho ser de sol a sol. Lembro-me de se dizer que em breve o horário seria de oito horas e de ouvir alguns patrões reclamarem. Descendo para oito horas, alguns baixaram a jorna. Custa-me até recordar. Andei numa escola paupérrima. Aquilo a que assisti na vivência entre as crianças criou-me um sentimento forte de compaixão pelas pessoas que são tão pobres que nem conseguem avaliar a sua pobreza. Felizmente que o Portugal democrático melhorou consideravelmente as condições de vida, mas ainda hoje existe entre nós a síndrome dessa pobreza. A fome ancestral passa de geração em geração sob a forma de medo, de silêncio e receio de a pessoa se mostrar como é.

||
A fome ancestral passa de geração em geração sob a forma de medo, de silêncio e receio de a pessoa se mostrar como é

JA - Essas marcas de um Algarve socialmente desigual, injusto, refletiram-se em si politicamente? As suas posições políticas foram influenciadas pelas suas vivên-



cias e perplexidades perante essas injustiças?

LJ - Sim, refletiram-se. O sentimento de que é fácil ser injusto, é fácil e comum uns assaltaram a vida dos outros, fez que eu tomasse o campo daqueles que se preocupam com a justiça social e que o querem fazer em liberdade e democracia.

JA - Politicamente considera-se de direita ou de esquerda?

LJ - Eu sou uma mulher que olha o mundo a partir daquilo a que convencionalmente se chama de esquerda. Como já disse, sou pela distribuição do proveito do trabalho, mas acho que todos devem trabalhar. Portanto, a minha esquerda não é uma esquerda contemplativa, que contemple a preguiça ou uma distribuição sem mérito. Eu sou pela distribuição com mérito. Sou de uma esquerda particular, que acima de tudo quer a liberdade e o diálogo. O que me afasta de formações de esquerda mais radical.

JA - O que mudou no Algarve nos anos 60 e 70, com o advento do turismo e da chamada modernidade? Os algarvios sacaram o que de melhor havia neles, o sentido

de oportunidade, o empreendedorismo? Ou renderam-se à vileza do dinheiro, tornaram-se oportunistas e frios?

LJ - Um pouco de tudo. O que predomina é o pequeno empreendedor que soube tirar partido da oportunidade, mas a lentidão que nos caracteriza, e a falta de ambição grandiosa, aquela que se faz pelo empreendimento em si, mais do que pela exploração e pelo enriquecimento rápido, tem amarfanhando a região. O espírito individualista também.

||
Eu sou uma mulher que olha o mundo a partir daquilo a que convencionalmente se chama de esquerda

JA - Conte um pouco da sua ida para Lisboa, onde estudou na Universidade? O que representou essa ida? Abriu horizontes? Na Universidade foi politicamente ativa? Tornou-se politicamente consciente?

LJ - A Faculdade de Letras de Lisboa foi a casa que me formou intelectualmente. Não só tive professores extraordinários, figuras de grande nível, como Lindley Cintra, Padre Manuel Antunes, Alzira Seixo, Jacinto do Prado Coelho, e muitos outros, como eram os anos das perseguições da Pide, das revoltas dos estudantes contra o regime fascista, o tempo em que se erguiam as vozes feministas. Mas na altura eu mal entendia da política ativa, eu alinhava nos comícios porque queria que o governo caísse para poder votar. Tudo o que eu queria era votar e poder viajar livremente. Queria que a Guerra colonial terminasse e não houvesse censura. Mas como não estava alinhada com nenhuma formação política andava nesse mundo de agitação sem saber muito bem onde me encaixar. Olho para trás e, mesmo assim, acho que foi maravilhoso. Vivia-se à portuguesa o nosso Maio de 68 nos átrios das faculdades.

JA - Porque foi para África e como viveu esse embate, já no fim da guerra colonial? Em que é que essa deslocação a marcou?

LJ - Muitas raparigas da

minha idade fizeram esse percurso. Terminava-se a Faculdade e se o namorado ou marido estava nas colónias ia-se romanticamente para lá também. Mas o romantismo logo terminava porque o que nos esperava era uma guerra séria. Marcou-me muito essa guerra séria. Escrevi um livro que nasceu dessa experiência. Vivía-se uma situação de ocupação de territórios que não pertenciam a Portugal. Desde a Segunda Guerra Mundial que os impérios oriundos do século XVI estavam a dar lugar a países livres e independentes. Eu não era muito experta nem muito informada, mas quando cheguei a Angola, e depois a Moçambique, li nas estrelas que esses territórios iriam ser lugares de massacre. E foram. O que trouxe dessa experiência dos meus vinte anos foi a ideia de que todos os dias estamos à beira de poder desencadear uma guerra, mas também sempre à beira de construir a paz. E estas são as duas batalhas dos homens.

||

a falta de ambição grandiosa (...) tem amarfanhando a região. O espírito individualista também

||

JA - Qual a sua leitura do domínio português em África? O sonho do Infante e dos que se lhe seguiram tornou-se pesadelo, descambando em guerras injustas e descolonizações mal feitas? Valeu a pena o caminho?

LJ - Acho que não se pode apreciar a situação como se valeu ou não valeu a pena. Aconteceu e o que aconteceu não tem emenda possível. O futuro sim, tem emenda. O balanço do que então aconteceu saldou-se por um avanço de conhecimento, de civilização, de empreendimento histórico, de triunfos científicos sem conta para toda a humanidade. Mas isso implicou tragédias, assassínios, genocídios, matanças, dizimações, sacrifícios. Injustiças que nunca mais podem ser reparadas. Tenho pena, mas a História foi assim, será assim, desgraçadamente. A Literatura não faz mais do que revoltar-se contra isso.

JA - Disse uma vez que, como Mandela, é pela reconciliação, por pôr "a zeros" o conta-quilómetros das agressões e vilipêndios entre culturas. Acha que conseguimos esse feito? Ou estamos a caminho de uma sociedade mais agressiva,

brutal e intolerante?

LJ - Os humanistas têm de fazer compreender que esse é o caminho. Porque o passado não pode ser reparado senão simbolicamente, devolvendo-se alguns objetos furtados no passado, reconhecendo o mal que foi feito, pedindo perdão. Irreparável. O que pode ser reparado é o futuro, isso sim. Não deixando que no presente se explore indecentemente o território dos outros, não criando escravos do moderno trabalho global, criando leis justas que impeçam que uns países roubem os outros. Existe a ONU para isso, mas a sua arquitetura não está feita de modo a trabalhar nesse novo mundo coletivo mais justo. Há países que vetam quando lhes apetece. E se continuarmos assim, sim, iremos na direção de sociedades mais injustas, mais ressentidas e mais agressivas.

JA - Como vê, a propósito, o fenómeno do racismo? O que era o sonho de uma sociedade unida e sem fronteiras, representada pela imagem da Terra vista do espaço, tornou-se, aparentemente, uma sociedade cada vez mais fragmentada, dividida por fronteiras, ideias, raças. Em contraditório absoluto com a globalização económica e cultural. Que contradições são estas?

LJ - O fenómeno do racismo é uma longa história de que só conhecemos o primeiro capítulo. Mesmo num país como o nosso, que teve uma diáspora difícil, uma emigração de penúria que nos fez ser humilhados em muitas regiões para onde se foi sobreviver, existe preconceito étnico. Dizer que Portugal é um país não racista é não querer ver o que se passa. Mas existe uma franja da sociedade cada vez mais alargada que vai dinamitando o preconceito. A Arte, a Moda, a Música, a cultura e os espaços de intercâmbio universitário estão a subverter as ideias da supremacia caucasiana. O campo do trabalho e a política, igual. É preciso acreditar e fazer, para poder acontecer.

JA - Como é ser escritora profissional? Sente prazer quando escreve, ou há momentos de penosidade e angústia no seu exercício da escrita?

LJ - Tudo o que lhe posso dizer sobre o assunto é que escritora não conjuga bem com profissional. Isto não é uma verdadeira profissão. Não tem horário certo, não tem meta definida, não tem um objetivo concreto, não tem uma utilidade prática palpável e a maior parte do que se faz não tem remuneração. No campo das atividades profissionais, um escritor assemelha-se a um biscateiro doméstico. O



campo onde se move é mais o de uma espécie de teimosia sistemática, ou então, se quisermos ser grandiosos, isto parece-se com uma missão. Inclino-me mais para esta última, sobretudo porque não sofro com a escrita. Mesmo quando tenho de refazer uma grande parte de um livro, encontro um sentido nesse exercício, é uma busca por uma harmonia absoluta, que deve existir em algum lugar mas nunca se alcança.

||

(...) na altura eu mal entendia da política ativa, eu alinhava nos comícios porque queria que o governo caísse para poder votar

||

JA - O seu mais recente prémio, atribuído pela Associação Portuguesa de Escritores (APE), o Grande Prémio de Crónica e Dispersos Literários, que recebeu no passado sábado (dia 15 de maio), teve um especial significado para si? Já recebeu tantos prémios nacionais e internacionais...

LJ - Tem, porque é um prémio nacional, mas atribuído pelo Município de Loulé. Assisti à génese deste prémio. Na altura nem imaginava publicar um livro de crónicas e fui vendo que o prémio acabou por ter uma dimensão imensa. Estes prémios que são patrocinados pelos municípios portugueses por vezes não têm uma repercussão nacional, mas neste foram escolhidos sempre livros e escritores importantes. O primeiro foi dado ao José Tolentino Mendonça, quando ainda era pouco conhecido. Depois disso tem tido livros muito im-

portantes: o penúltimo foi do Pedro Mexia e o último foi do Mário de Carvalho. Tem havido um grande critério na escolha desses livros de crónicas e a pouco e pouco este prémio foi ganhando importância. A APE tem vários prémios, de variados géneros, que são patrocinados por autarquias, que o seu nome fica ligado a determinado género literário. E em geral o município que dá o dinheiro não é muito falado, porque o prémio em si já é muito importante, dado pela APE. Neste caso, o nome de Loulé vem sempre junto com o grande prémio da crónica. E

o prémio chama Loulé como um lugar de cultura. Tocou-me muito porque foi alguma coisa dada aqui pela nossa autarquia municipal e pelo Algarve.

JA - Já recebeu o Grande Prémio da Feira Internacional do Livro de Guadalajara, anunciado em agosto de 2020?

LJ - Este ano não foi possível uma cerimónia presencial, mas houve uma cerimónia à distância. Eu fiz um discurso que foi muito difundido. É um prémio que junta todas as oito línguas românicas. É um prémio europeu e latino-americano, dado pela México. Engloba

30 ou 40 literaturas. Nunca imaginei que mo dessem, tem um valor e uma repercussão extraordinária.

||

Dizer que Portugal é um país não racista é não querer ver o que se passa

||

JA - Como se sentiu quando recebeu o convite para o Conselho de Estado? Não estava nada à espera...?

LJ - De modo nenhum. Vou dizer como o Papa Francisco, que quando lhe perguntaram se estava à espera de ser Papa disse que só a um louco passaria pela cabeça ser Papa. Eu posso-lhe dizer a mesma coisa. Nunca me passaria pela cabeça. É um órgão colegial, mais do que discreto é secreto. Exige absoluta discrição das pessoas. Tal como o Presidente da República me apresentou as coisas, o que eu gostaria no Conselho de Estado era de ser útil. Porque por ali passarão grandes decisões e temas com que se debate o País. Se puder ser útil, tudo bem, mas estou tão no início que não posso dizer ainda se posso ser útil ou não. Veremos.

LOULÉ

Lídia Jorge recebeu o prémio de crónica da APE

A escritora Lídia Jorge recebeu no passado sábado, 15 de maio, o Grande Prémio de Crónica e Dispersos Literários Associação Portuguesa de Escritores/Câmara Municipal de Loulé, que este ano distinguiu a obra "Em Todos Sentidos".

Numa cerimónia que decorreu na Sala da Assembleia Municipal de Loulé, no encerramento do programa comemorativo da Semana do

Município de Loulé, foi com comoção que a escritora, natural de Boliqueime, veio ao concelho que a viu nascer para ser distinguida por mais um trabalho que figura na sua vasta obra, reconhecida nacional e internacionalmente: "Não é explicável a emoção que sinto por receber, neste momento e nesta cidade, este prémio!".

"Em Todos os Sentidos" nasceu do convite lançado à autora pelo diretor da Antena 2, João Almeida, para escrever crónicas, pessoais e não demasiadamente ligadas a acontecimentos, que pudessem ser lidas pela própria nesta rádio pública. Durante o ano de 2019, semanalmente, Lídia Jorge deu voz aos textos, num ambiente criado também pelo som do trompete de Chet Baker em "Almost Blue".

Em 2020, ano em que "O Dia dos Prodígios" assinalava o seu 40º aniversário, preferiu a autora que "em vez de uma edição de capa rica dessa obra, se fizesse antes um livro novo de capa pobre". E é assim que surge "Em Todos os Sentidos", com essas 41 crónicas radiofónicas transpostas para o papel, reunidas nesta obra premiada.

